

The cover features a deep blue background with golden, stylized plant illustrations. These include stems with leaves and clusters of small, round buds or flowers, positioned in the corners and along the sides of the page.

Pelos bastidores de uma biblioteca:

histórias vivenciadas pelos servidores durante os
50 anos de existência da Biblioteca Central

Adriana Ribeiro
Lillian Jordânia Batista Franczak
Michelle Flores
Simone Cristina da Silva Azevedo
Organizadoras

Cegraf UFG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitora: Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor: Jesiel Freitas Carvalho

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Pró-Reitor: Felipe Terra Martins

Biblioteca Central

Diretora: Adriana Ribeiro

Vice-Diretora: Michelle Flores

Centro Editorial e Gráfico — Cegraf

Diretora: Maria Lucia Kons





Pelos bastidores de uma biblioteca:

histórias vivenciadas pelos servidores durante os
50 anos de existência da Biblioteca Central

Adriana Ribeiro
Lillian Jordânia Batista Franczak
Michelle Flores
Simone Cristina da Silva Azevedo
Organizadoras

Goiânia
2023

Cegraf UFG

© Adriana Ribeiro; Lillian Jordânia Batista Franczak; Michelle Flores;
Simone Cristina da Silva Azevedo, 2023

© Cegraf UFG, 2023

Revisão de texto: Gabriel Adams Castelo Branco Aragão, Isabela Albuquerque Marangão, Lorena Bernardes Barcelos, Yasmim Oliveira dos Santos.

Desenhos: Cléia Oliveira

Projeto gráfico e diagramação: Cátia Ana Baldoino da Silva

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Nota: Os textos aqui compilados são de inteira responsabilidade de seus autores e suas autoras, que respondem individualmente por seus conteúdos e/ou por ocasionais contestações de terceiros.

Este trabalho está licenciado com uma **Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional**.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

P392 Pelos bastidores de uma biblioteca : histórias vivenciadas pelos servidores durante os 50 anos de existência da Biblioteca Central. [E-book] / organizadoras Adriana Ribeiro ... [et al.]. – Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF) – Goiânia: Cegraf UFG, 2023.

ISBN (E-book): 978-85-495-0731-0

1. Universidade Federal de Goiás. Biblioteca Central - Histórias, enredos, etc. 2. Bibliotecários de universidades - Crônicas. 3. Bibliotecas universitárias - Crônicas. I. Ribeiro, Adriana.

CDU: 027.7(817.3):82-94

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB1: 2276

BIBLIOTECA CENTRAL

Av. Esperança, s/n, Câmpus Samambaia
Goiânia, GO - CEP 74690-900 - Brasil

<https://bc.ufg.br>

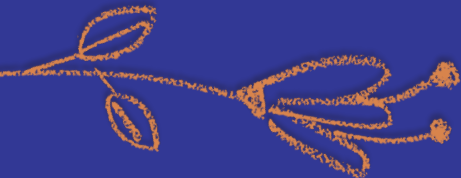




“Se não tivermos bibliotecas, não temos
nenhum passado e não teremos um futuro”
(Ray Bradbury)



Agradecimentos





Uma história não se constrói somente com um personagem, em um único cenário, mas sim com pensamentos, ideais, sonhos, escrevendo linha por linha, e foi assim que a história da Biblioteca Central foi e está sendo escrita.

Em seus 50 anos de história, centenas de pessoas contribuíram para que a Biblioteca Central fosse criada, estruturada, mantida e se transformasse em uma das maiores bibliotecas universitárias da região Centro-Oeste. Assim, os agradecimentos vão para os reitores, pró-reitores, professores, técnico-administrativos, membros do Conselho Acadêmico, terceirizados, colaboradores, bolsistas e estagiários que de alguma forma fizeram parte dessa história. Mas os agradecimentos especiais vão para os milhares de usuários que fizeram da Biblioteca Central sua casa, refúgio e reduto do conhecimento, que lutaram por mantê-la viva e necessária em sua jornada acadêmica.

Agradecemos também a todos que mantêm o Sistema de Bibliotecas da UFG em destaque, pois atualmente, somos oito bibliotecas, sendo 7 universitárias e 1 escolar. Somos um sistema reconhecido regional e nacionalmente. Sediamos em 2021, em plena pandemia, um dos maiores eventos profissionais da área, Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), reunindo mais de 400 pessoas remotamente, mostrando a força e união dos bibliotecários, auxiliares, terceirizados, estagiários, entre outros profissionais que fizeram possível esse evento, pois não há bibliotecas sem as pessoas.

Seguimos em frente por mais 50, 100, 200 anos, porque nossa luta é pela democratização da educação, do conhecimento, e não há instrumento melhor para essa democratização do que uma biblioteca.





Sumário

Apresentação

Adriana Ribeiro

Michelle Flores

Simone Cristina da Silva Azevedo

Contos

Diferentes tipos de usuários de uma biblioteca ... 17

Adriana Ribeiro

A bibliotecária e o atendimento 22

Amanda Cavalcante Perillo

Uma amizade duradoura 26

Cátia Ana Balduino da Silva

O dilúvio 29

Eliaine Correia Guimarães Lopes



Hora de partir para recomeçar 33

Eliaine Correia Guimarães Lopes

Quebra-cabeça 37

Elis Veloso Portela de Araújo

Tecendo os fios da Biblioteconomia: minha jornada ... 44

Esdra Basílio

O grito 47

Lillian Jordânia Batista Franczak

O bendito silêncio da Biblioteca Central 51

Michelle Flores

Um atendimento pra lá de especial 55

Michelle Flores

Os 30 anos de dona Magda 60

Rose Mendes da Silva

A conferência 65

Rose Mendes da Silva

As voltas que a vida dá 69

Rose Mendes da Silva

Pirâmide de livros 72

Simone Cristina da Silva Azevedo

O azarão 76

Simone Cristina da Silva Azevedo

Aluna, noiva e grávida faminta: um pouco da minha
história na Biblioteca Central 80

Tatiane Carvalho Silva





Apresentação





A história da Biblioteca Central (BC) inicia-se em 24 de agosto de 1973 com a fusão das 13 bibliotecas departamentais que funcionavam em unidades de ensino da UFG.

A BC recebeu o nome de Biblioteca Central Professor Alpheu da Veiga Jardim e sua localização ficou estabelecida provisoriamente nas dependências da Faculdade de Direito, no Setor Universitário. A bibliotecária Marietta Telles foi nomeada a primeira diretora da BC.

Em 1981, foram iniciadas as discussões para a criação de um prédio próprio para a BC. O então reitor, José Cruciano de Araújo, comunicou a intenção de construir dois prédios para atender aos serviços das bibliotecas: um prédio no Câmpus I (hoje denominado Câmpus Colemar Natal e Silva) e outro no Câmpus II (atual Câmpus Samambaia). E, em 13 de setembro de 1989, foi inaugurado o prédio definitivo da BC.

Os serviços centralizados que se encontravam organizados no prédio da Faculdade de Direito foram transferidos para o Câmpus II. A biblioteca no prédio da Faculdade de Direito continuou funcionando como setorial e passou a se chamar Biblioteca Setorial do Câmpus I. A UFG passou a contar com 1 (uma) biblioteca central e 1 (uma) biblioteca setorial – do Câmpus I, consolidando, portanto, o Sistema de Bibliotecas, sendo a BC o órgão coordenador.

Ao longo de sua história, a BC se tornou relevante para a comunidade acadêmica da UFG e para a sociedade goiana, promovendo o acesso aos serviços e produtos de informação com excelência, bem como acompanhando as transformações tecnológicas, sociais e culturais, para atender as necessidades e expectativas dos seus usuários.

Nesses 50 anos decorridos desde sua criação até os dias atuais, muitas histórias foram vividas, diferentes contextos políticos e sociais foram presenciados, demandas informacionais foram acompanhadas, alterações nas rotinas e ferramentas de trabalho foram implantadas. Mas, sem dúvida, a parte mais importante dessa história são experiências vi-

vidas pelos corredores da biblioteca, histórias vividas com gente e por gente, pois não há biblioteca se não houver vida dentro dela. E são essas histórias que trazemos neste livro, apenas algumas de tantas vívidas, mas que trazem um pouquinho dos bastidores da BC.

Nota: Pesquisa histórica baseada no trabalho de especialização da servidora Liliane Juvêncio:

FERREIRA, Liliane Juvência Azevedo. O lugar do livro e do leitor no Brasil: um estudo a partir da história do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Maceió: FEBAB, 2011.





Contos





Diferentes tipos de usuários de uma biblioteca

Adriana Ribeiro

O primeiro local em que atuei desde que assumi meu papel profissional como bibliotecária foi o setor de Atendimento ao Usuário e quando iniciei minhas atividades na BC não foi diferente. Vou confessar que é um lugar que eu amo! Entre os motivos para eu amar o atendimento, está a dinamicidade, as conversas com os usuários, as trocas de experiências, conseguir atender a demanda do usuário e que nenhum dia é igual ao outro, não há rotina.

Mas vou confessar que não há prazer maior que encontrar facilmente um livro para um usuário que revirou a estante e não o encontrou. Ver a cara de “Nossa, estava aí tão fácil e eu não vi” é o máximo! Saio com o peito inflado de orgulho e internamente digo “Está achando que quatro anos de faculdade são à toa, [risos]?”.

Como já dito anteriormente, não há rotina no atendimento e muito menos usuários iguais. São diversificados os tipos, perfis e interesses. Há aqueles que jamais esqueceremos, passe o tempo que passar.

Existem usuários do tipo carente e quando eles encontram alguém que lhes dê atenção, pode esquecer, não te deixarão jamais. Um deles foi o Vicente, que ficava nos rondando, conversava com os servidores do balcão de atendimento, sempre de olhos compridos para minha sala, que ficava logo atrás. Nessa época só havia eu como bibliotecária de atendimento, assim eu não parava muito na sala, ficava sempre correndo de um lado para o outro. E quando eu aparecia, Vicente logo dizia: “Adriana, estou precisando de uma ajuda sua!”.

E lá íamos nós para uma conversa prolongada. Ele iniciava com um assunto de sua área de estudo e logo já co-

meçava a divagar pelas mais diferentes temáticas. A conversa era sempre boa, mas muito longa e assim minhas outras demandas iam surgindo, se acumulando, e Vicente acabava ficando horas ali comigo. Por fim, para não ser rude com ele, combinei com meus colegas para que, quando Vicente entrasse na minha sala, passados 10 minutos, eles deveriam ir lá e me avisar que havia uma reunião ou alguém procurando por mim em outra seção. E assim fazíamos, até que Vicente passou também a ter muita ocupação em seus estudos e diminuiu sua procura por companhia.

Há também aqueles usuários que chegam com algumas queixas e com os ânimos alterados. Nessas ocasiões, o procedimento sempre foi encaminhá-los à gerência para que não tumultuem a rotina da biblioteca e que, com diálogo, seja possível acalmar a situação. Nessa logística, já atendi usuários embriagados, docentes que sempre queriam pegar livros além do limite, pois eram pesquisadores vorazes, e até usuários que queriam negociar débitos doando livros provenientes de furtos, identificados com os carimbos da própria biblioteca. E os pais de pets? Esses também não faltaram, de cachorro a papagaio, todos se alimentaram de alguma obra da biblioteca.

Agora, um tipo de usuário que não posso deixar de citar são os que não estão mais neste plano, pois é de conhecimento comum, difundido em livros e filmes, como no lindo “A cidade dos anjos”, que as bibliotecas são lugares utilizados por pessoas deste e de outros planos. E essa foi a primeira lição de boas-vindas que recebi de uma colega quando iniciei na BC, no turno noturno. Ela me disse: “Adriana, quando você ver um usuário atravessar uma estante ou mesmo uma parede, não se assuste. Existem muitos deles aqui. A biblioteca é um lugar sagrado para as almas que não estão mais entre nós. Mas não estou querendo te assustar! A universidade não divulga, mas existem muitos suicídios cometidos por alunos e servidores, então eles continuam frequentando a biblioteca. Até mesmo nossa falecida ex-diretora continua por aqui, mas não estou querendo te assustar”.

E na intenção de não querer me assustar, me contava os mais variados acontecimentos sem explicação que por aqui aconteciam. Deve ser por ter recebido essa lição logo de cara que, ainda hoje, não tenho medo de ficar só na BC. Seja nos períodos de greve, durante a pandemia ou quando venho sozinha para abrir todo o prédio em um dia de de-

detização. Afinal, a biblioteca é refúgio de boas pessoas e almas, mas veja bem: não estou querendo lhes assustar!

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: 2008 - atual

Setores em que trabalhou: Atendimento, Processamento Técnico e Direção





A bibliotecária e o atendimento

Amanda Cavalcante Perillo

Quando cheguei na Biblioteca Central, em dezembro de 2015, estava muito feliz. Seria minha primeira atuação como bibliotecária após a colação de grau. Desde os tempos de aluna de Biblioteconomia, quando vinha até a BC, ficava admirada com o tamanho do prédio e com todo potencial de informação para ser trabalhada. Sonhos de uma futura bibliotecária.

Iniciei meu trabalho na coordenação do atendimento no período noturno. Foi onde tive algumas experiências inusita-

das e agradáveis que irei relatar. Em uma bela noite, sentada, em frente ao computador, chega um usuário para falar a respeito de uma multa que constava em seu perfil. Expliquei todo o processo como ele deveria proceder para pagar multa e, assim, poder realizar o empréstimo dos livros novamente. Após a explicação, o usuário olhava fixamente para mim, sem dizer nada. Eu li, desse silêncio, que ele não havia compreendido e expliquei novamente com outras palavras. Quando terminei a explicação pela segunda vez, ele me olha e diz:

- Isso eu já entendi. Então perguntei:
- Como posso te ajudar?
- Quero saber se você quer sair comigo.

Nesse momento, quem me conhece, já imagina que quão não fiquei corada de vergonha, não é?! Mas respondi:

- Não.

Simples assim; e ele respondeu:

- Ok.

E saiu. Enfim, mais um atendimento finalizado com sucesso.

Mas não é apenas de atendimento inusitado que se vive na BC. Durante o período em que trabalhei no atendimento noturno, eu e a equipe tínhamos nossa sexta-feira delicio-

sa. Cheguei para trabalhar em uma sexta-feira e comuniquei para toda a equipe de 4 integrantes (na época: Onilson, Victor, Juscelino e Marcos na portaria) que havia trazido brigadeiro de colher para que revezassem para não deixar nenhuma seção sozinha e descessem até a copa para comer. Informaram-me que já haviam pedido pizza também em outras coordenações, e então virou rotina. Já ansiávamos pelas sextas-feiras.

A BC tem vários ambientes e o segundo andar com aquelas *puffs* é um espaço bem convidativo. Em 2017, estava na seção de referência no período vespertino e subi até ao segundo andar para assinar o ponto e ir embora. Nessa época, estava grávida e com muito sono (as grávidas que não me deixem mentir). Quando terminei de assinar, eu não pensei duas vezes, deitei em um *puff* e simplesmente dormi. Acordei, algum tempo depois, não lembro quanto, com a bibliotecária Cláudia Moura perguntando-me se eu estava bem. Estava maravilhosamente bem depois da soneca. Santo *puff* da BC. Ajudou uma grávida.

São tantas histórias que me vêm à memória enquanto escrevo que não caberiam aqui. Isso porque venho fazendo parte da BC apenas há 7 anos dos seus 50! Parabéns, Biblio-

teca Central! Que venham tantos outros de muitas histórias, alegrias e resistência! Estou grata por fazer parte da sua história.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: 01/12/2015

Setores em que trabalhou: Atendimento Noturno, Seção de Referência, Circulação, Seção de Processamento Técnico





Uma amizade duradoura

Cátia Ana Baldoino da Silva

Sou apaixonada por bibliotecas. Desde a pré-escola era nelas que ia em busca de aventuras e conhecimento. Por muito tempo desejei trabalhar na Biblioteca Cora Coralina, que fica em Campinas, mas à época não consegui me transferir para lá - eu era servidora municipal da saúde.

Com a Biblioteca Central (BC), minha história começa lá em 2001, no meu primeiro ano como caloura de Filosofia. Era no andar térreo que eu ia em busca dos filósofos gregos e alemães com nomes difíceis. Na época o trajeto mais rápido

era através do Bosque Saint Hillaire e agora vejo que era uma pequena aventura, já que andávamos dentro do território dos macaquinhos.

Entre o curso de Filosofia, que abandonei em 2002, e o de Design Gráfico, que iniciei em 2004, não tive mais contato com a BC. No meu retorno, claro, a amizade retomou, já que passei a estudar bem ao lado, no prédio antigo da Faculdade de Artes Visuais (FAV). Agora não perambulava mais no andar térreo, mas no primeiro andar, especificamente na querida seção 744, onde os livros de *design* e desenho estão agrupados. Me formei em 2008 e, novamente, houve uma pausa na amizade até 2010, quando retornei definitivamente, mas como técnico-administrativa lotada na FAV.

Apesar de não frequentá-la com frequência, por conta das minhas atividades com a revista acadêmica da FAV, mantive um contato ocasional com alguns colegas da Gerência de Recursos Tecnológicos (GRT), que cuidavam do Portal de Periódicos.

Passou-se o tempo e veio a pandemia de covid-19. No retorno ao trabalho presencial, em 2022, percebi que precisava de uma mudança de ares e, pensando nos espaços

possíveis para remoção dentro da UFG, me lembrei da BC e da GRT. O contato anterior com a Cláudia, atual gerente da seção, me ajudou a realizar o processo de transferência. Então, em junho de 2022, passei a fazer parte do corpo administrativo da BC.

Hoje, em quase um ano de trabalho aqui, fico muito feliz por ter dado este passo. Além de estar rodeada de livros, dentro deste espaço que me traz muitas recordações afetuosas, vejo aqui um ambiente propício a contribuir com a comunidade acadêmica, que vai para além do trabalho rotineiro. Aqui vejo que posso retribuir o tanto que aprendi e recebi nesses anos de amizade. Viva a BC! Que venham mais 50 anos!

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: 01/06/2022

Setores em que trabalhou: Gerência de Recursos Tecnológicos





O dilúvio

Eliaine Correia Guimarães Lopes

A noite foi de muita chuva e ventania. Chuva pesada, mesmo! E a noite inteira. No dia seguinte, quando chegamos, pela manhã, para mais um corriqueiro e trivial dia de trabalho, foi assustador! Uma situação caótica, uma completa desordem! Foi um misto de pânico, medo e desilusão que tomou conta de todos. Percebemos que o tempo havia fechado lá dentro da Biblioteca Central. Que toda a chuva lá de fora entrara pelo teto. E agora? Ficamos ou vamos embora? Ficamos. Foi um corre-corre geral. Corre, vamos buscar

os baldes, as panelas da copa, as lixeiras das salas e até dos banheiros para aparar as goteiras. Chamem o pessoal da manutenção! Vamos cobrir os equipamentos, os periódicos, os livros, todo o acervo! Socorro! Haja saco plástico! Vamos descer o acervo para os andares de baixo! Tragam um tubo PVC 250, cortado ao meio, para fazer uma bica de água para jorrar para o lado de fora! Furem buracos nos cantos das paredes para escoar a água! Peguem todos os rodos, vamos rapar a água! Rapamos o dia todo, mas não parava de entrar água. Chovia, literalmente, dentro da biblioteca! Quem chamou a imprensa? Não deixem entrar, é pra impedir o acesso! A informação não pode vazar, só a água!

O que aconteceu? Qual a explicação? – É que o telhado foi retirado para reforma. – Mas logo na época das chuvas? – Sim, a solicitação precedeu a aprovação do projeto de reforma, mas as chuvas vieram antes do esperado. Não podíamos devolver a verba, que só conseguiríamos novamente, talvez, no próximo período chuvoso. Como sabemos, quando se trata de segurança e melhorias para a educação pública, os processos são bem morosos. Assim, as consequências dos erros foram inevitáveis quando o pedido de reforma demo-

rou tanto para ser aprovado. Entende, como tudo funciona, ou não funciona?

Alguém “garantiu” que tirando o telhado e colocando uma lona não teríamos problemas com goteiras. Ledo engano! Santa inocência! Esqueceram de segurar o “vento que levou” a lona. Foi um tal de “chove não molha” e “Tudo bem, apesar, contudo, todavia, mas, porém, as águas” rolaram!

Passados os dias de martírio, todos muito cansados e já desolados, encontramos forças para reconstruir um novo caminho para trilhar. E haja mais mãos à obra para recomeçar! Algumas coleções foram colocadas ao sol, outras nas estufas e outras nas lixeiras. Trabalho, trabalho e muito trabalho até ser encontrado um tal “fungo cor de rosa”. Lideranças se reuniram: - Levem para análise! - É perigoso, muito perigoso! - Suspendam os esforços na avaliação desta parte do acervo. Então: - Ordens são ordens! Os dias foram passando, e o que pôde ser salvo, foi, e o que não pôde, não foi. E fomos, passo a passo, um de cada vez, voltando à normalidade funcional. Biblioteca Central reaberta ao público, coleções em seus devidos lugares e os trabalhadores (sem o muito obrigado ofi-

cial) com a certeza do dever cumprido. Salvamos o saber e a informação da comunidade universitária e em geral!

Dizem que se uma universidade fosse comparada ao corpo humano, a biblioteca seria o cérebro, eu iria mais além, seria cérebro e coração!

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso em 28/09/1981 e aposentadoria em 13/10/2017.

Trabalhou: Bibliotecas EAV, Central, CEPAE, Catalão e Campus I.

Setores em que atuou: Periódicos, Referência, Assistência de direção, Circulação, Coleções especiais, Intercâmbio, Processos técnicos e doações.





Hora de partir para recomeçar

Eliaine Correia Guimarães Lopes

Lá pelo final dos anos 1970 e início dos 1980, quando ainda não trabalhava na UFG, mas morava na Escola de Agronomia, eu já frequentava a biblioteca. À época, era a seccional da Escola de Agronomia e Veterinária (EAV). Era muito amiga de uma das suas jovens servidoras, uma pessoa fantástica, inteligente e de bom humor contagiante. Ela foi estudante da primeira turma do curso de Biblioteconomia, criado em 1980. Minhas visitas sempre resultavam em muita bagunça, compartilhada com ela. Eu me sentava numa cadeira com rodinhas que ela empurrava, imitando um carrinho de bebê.

A faxineira, uma senhorinha que era um doce de pessoa, se fazia de brava e ralhava conosco por causa do piso que acabara de encerar e lustrar, dizendo: “Vocês parem já com isso, não são mais crianças!” Ali, brincamos e rimos muito. Minha amiga ensinou-me que uma biblioteca moderna não é “um mosteiro impenetrável”, como num ambiente de repleto silêncio. Ensinou-me, também, que nem todas as pessoas alegres são as mais felizes, que elas podem desistir de viver a qualquer momento, mesmo ainda na flor da idade. Sempre ouvi dizer que a morte não combina com alegria. Numa madrugada fria, fui acordada com o triste comunicado de sua viagem eterna: ela havia desistido.

Pois bem, o tempo passou e onde eu estava? Trabalhando, exatamente, naquela mesma biblioteca, que tantas recordações, boas e ruins, estavam em minhas lembranças. Então, chegando ao final dos anos 1980, a Biblioteca Central ganhava um prédio próprio no Campus II, com o incentivo de verbas do Programa MEC BID. O que já não era sem tempo, pois, desde sua criação, em 1973, ela funcionava em um espaço cedido pela Faculdade de Direito no Setor Universitário. Diante da iminente mudança e pela proximidade das faculdades, as seccionais da EAV e do Instituto de Ma-

temática e Física (IMF), seriam extintas e depois fundidas à Central. Os funcionários da EAV optaram por ficar em suas lotações de origem; menos eu, que a essa altura, já estava graduada em Biblioteconomia. Nos dias que antecediam a transferência para o prédio novo, a bibliotecária-chefe estava de férias, em visita aos familiares em São Luís/MA. Fiquei só, encaixotando e amarrando o acervo. Tudo quase pronto, quando começou exalar um forte odor de jasmim, que invadiu todo o ambiente. Saí por todas as salas, para verificar se entrara alguém no recinto, mas nada. Resolvi dar uma volta por fora, ao redor do prédio, buscando uma explicação, nada! Já em alerta, me dirigi ao prédio central, onde ficava a secretaria da faculdade. Ao chegar, fui logo perguntando à servidora mais jovem, se acaso não teria esquecido um frasco de perfume, vazando numa bolsa lá na biblioteca? Ela respondeu prontamente que não, devolvendo-me o questionamento: “Que cheiro você sentiu?” Respondi: “De jasmim!” Então, uma outra funcionária, mais antiga, entrou no assunto e, pasmem, disse com cautela e serenidade, baixando a voz, como segredando: “Quem gostava muito de jasmim era nossa colega falecida, ela estava lá! De duas uma, ou ela

não quer a mudança ou foi se despedir de você!” Gelei! Tremi! Arrepiei todos os pelos do meu corpo!

Naquele mesmo dia voltei lá, entrei bem devagar, sem olhar para os lados, peguei minha bolsa com meus pertences, tranquei as portas, saí em silêncio e em orações, sem olhar para trás. No dia seguinte, me apresentei aos novos colegas da Biblioteca Central do Campus II.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso: em 28/09/1981 e aposentadoria em 13/10/2017.

Trabalhou: Bibliotecas EAV, Central, CEPAE, Catalão e Campus I.

Setores em que atuou: Periódicos, Referência, Assistência de direção, Circulação, Coleções especiais, Intercâmbio, Processos técnicos e doações.





Quebra-cabeça

Elis Veloso Portela de Araújo

O ano era 2022, especificamente o primeiro semestre. O salão do segundo andar da Biblioteca Central estava movimentado como sempre. Muita gente dormindo nos pufes. Algumas pessoas escutando músicas com fones de ouvido. Outras navegando nas redes sociais. Algumas jogando dama, outras jogando xadrez.

Mas o que mais reunia pessoas, atentas e investigativas, nesse andar eram as quatro mesas sobre as quais encontrava-se ele: o quebra-cabeça de 5.000 peças, buscando

montar a belíssima imagem de uma tarde na varanda. E, ali nessas mesas, juntavam-se pessoas em busca de superação do desafio de unir logicamente as pequenas peças coloridas que compunham um mosaico alegre e inspirador.

O quebra-cabeça foi ganhando mais adeptos. Uma estudante de graduação foi a que mais dedicou-se à árdua e gostosa tarefa. Estava sempre por ali, na hora do almoço, compondo um pouco mais da bonita ilustração. Às vezes, vinham com elas algumas amigas e amigos, que se revezavam na missão.

E pela mesa queridinha do andar sempre passavam várias pessoas. Algumas somente observavam. Outras se sentavam e tentavam. Alguns passavam só dois minutinhos e outros, quando podiam, passavam uma boa parte da tarde montando a criação.

Devagar e sempre, o quebra-cabeça foi tomando corpo, e do zero passou a mais de quatro mil peças já montadas. Assim, a admiração por ele aumentava ainda mais e aquele estágio da montagem instigava o grupo que se revezava a querer cumprir aquela missão o mais rápido possível. Se grande era a admiração, resultante do trabalho e dedicação

dos vários estudantes que se envolveram com a montagem da peça, grande também era o medo de haver a qualquer momento o desmonte. O medo se acentuava durante as visitas das turminhas, sempre bem-vindas, de educação infantil do Colégio Aplicação. Os olhos das crianças brilhavam, mas com tantas outras atrações e descobertas a fazer naquele lugar, se deixavam levar pela navegação na grande biblioteca e sempre deixavam o quebra-cabeça quietinho no seu devido lugar.

O semestre passou voando. O ano, então, nem se fala. Até mesmo porque a noção de tempo se confundiu em meio ao semestre letivo adaptado às urgências de repor o que não pode ser executado durante a pandemia provocada pela Covid-19. Assim, como todo final de ano, o movimento de pessoas no segundo andar começou a ralar, e o tempo e a energia dos estudantes voltava-se agora para as provas finais que os libertariam para as tão sonhadas férias. Aos poucos, durante as tardes, o silêncio começou a ocupar o espaço da conversa baixinha e das risadas que se davam no segundo andar. Os pufes passaram a ser os espaços menos ocupados, muita gente nos espaços de estudo individual, em busca de obras no acervo... mas o quebra-cabeça, numa

altura do campeonato em que já se pensava em Natal e no fechamento do ano, estava um pouco escanteado.

Todavia, ele nunca ficou completamente isolado. Pois, à sua frente, em uma sala com janelas de vidro, havia a constante presença de uma das servidoras da Biblioteca, que sempre estava por ali a observar a bonita obra inacabada. Outra, por sua vez, sempre que subia para assinar seu ponto, dedicava-se alguns minutinhos na colaboração da montagem. Fato é que mesmo na correria do fim de 2022, aqueles que estavam perto ou longe do quebra-cabeça viviam a desejá-lo e imaginá-lo completo.

E, na exaustão da correria cotidiana, para estudantes e trabalhadores, algo que ameniza e ajuda a retomar o fôlego para seguir adiante é o velho e bom final de semana. E os finais de semana são sempre bons, mas às vezes trazem notícias não tão boas. Como um fio que se rompe por causa de uma chuva forte e causa queda de energia. Algum problema técnico que derruba a rede de internet. Coisas corriqueiras que dão trabalho, mas se contornam. Porém, a notícia recebida naquela segunda-feira de novembro, era inesperada e indesejada e um tanto complicada de se resolver.

A notícia veio pela cena do local. Uma tremenda catástrofe. Tudo estava revirado e fora do lugar. Junto com o susto veio a indignação e a interrogação. Quem poderia ter feito aquilo? E com qual intenção? Raiva? Zombaria? Desatenção? Quem poderia destruir a montagem quase completa de “Uma tarde na varanda”? Imagem essa incompleta por poucos buracos que não tornavam sua composição menos valiosa. O fato posto era que o trabalho de meses, feito por dezenas de pessoas, durante horas e horas, havia sido destruído, no hiato de um final de semana, sabe-se lá em quantos poucos segundos. Choque, tristeza e decepção.

E nenhuma pista sobre o que havia ocorrido, já que final de semana a Biblioteca permanece fechada e vazia. Pelas cabeças das pessoas passaram várias hipóteses, recaindo sobre “uma brincadeira de mau gosto”, “um surto psicológico”, “uma criança atentada”, “um macaco ensandecido atrás de comida”. Porém, não havia pistas. Havia um esforço conjunto por parte da gestão e dos servidores, indignados com o ocorrido, querendo sobretudo, justificar para a comunidade o árduo e bonito trabalho que havia sido desfeito. Assim, recorreram a vários recursos: oitivas, recapitulação

dos fatos e formulação de novas hipóteses. Em buscas de vestígios foi feito contato com a equipe responsável pelo sistema de monitoramento da UFG, que se comprometeu em averiguar a questão com o devido cuidado.

Nesse curto prazo de espera, os corações chegavam a gelar de ansiedade, temendo por mais uma decepção, pois de triste já bastam os fatos que assolam a realidade do nosso país. E voltava-se a questionar: Qual o prazer em fazer isso? O que se ganhou pela destruição? Quem seria capaz?

Enfim, o desfecho veio, acompanhado de toda a presteza e eficiência da equipe de segurança, que havia examinado com detalhes as imagens do intervalo de tempo em que o quebra-cabeça montado durante o ano inteiro havia sido desmanchado. A Assessoria de Comunicação prontificou-se a prestar contas sobre o ocorrido para a comunidade. E assim o fez, repassando a todos o que tinha acontecido. O fato é que a explicação dada pelas imagens do circuito interno jogou um balde de água fria em tudo que havia sido cogitado. Ela trouxe para o centro do desfecho a obviedade da força que jamais devemos subestimar: a força da natureza; nesse caso, em especial, a força do vento.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: 2017 até período vigente

Setores em que trabalhou: Atendimento/GAD/Secretaria





Tecendo os fios da Biblioteconomia: minha jornada

Esdra Basilio

Contarei um pequeno excerto da minha trajetória na Biblioteca Central. Em 2008, ingressei na Universidade Federal de Goiás e me tornei aluna do curso de Biblioteconomia. No mesmo ano, tive a oportunidade de começar a trabalhar na BC na condição de bolsista. A notícia que eu tinha sido selecionada chegou pelo telefone; naquele momento, fiquei bastante

feliz, pois, aliar a teoria aprendida nas aulas com a prática da vivência na biblioteca me proporcionaria muito aprendizado.

No primeiro dia de trabalho, eu estava entusiasmada e feliz, afinal, até então, eu não havia tido uma chefe e nem um trabalho, mesmo como bolsista. O valor da bolsa permanência era pequeno, no entanto, encarei como um trabalho sério. Me apresentei para a coordenadora do atendimento aos usuários e circulação, que na ocasião era a bibliotecária Maria de Lima. Ela me recepcionou, me deu boas-vindas, e subimos as escadas até o segundo andar. Chegamos na seção da Aquisição, onde eu começaria a desempenhar as atividades laborais. Adentrando a sala, Maria me apresentou para a coordenadora do departamento, a bibliotecária Cláudia Moura. Ela me cumprimentou e, em seguida, me apresentou os colaboradores da seção, que estavam presentes na sala: Marcos Severino, Eliaine Guimarães e a Eloísa Marilac.

E, logo, começou a me mostrar pilhas de livros novos, que estavam sendo conferidos pelos colegas e eu deveria me juntar a eles para realizar a mesma tarefa; naquele momento, fiquei apreensiva, pois ela falava rápido e andava o tempo todo. Em um dado momento, a Eloísa me disse: “Não se preocupe, logo você pega o serviço, a Cláudia é assim

mesmo”. Com a convivência diária, percebi que “a Cláudia é assim mesmo” significava que ela era muito dedicada à profissão de Bibliotecária, sempre participando de cursos de atualização da área.

Dessa maneira, a bibliotecária Cláudia foi a minha primeira mestra nas práticas biblioteconômicas. Reverencio o seu dinamismo e comprometimento com o trabalho, que é exemplar. Posso afirmar que a Biblioteca Central compõe a minha história enquanto bibliotecária. Pois tive o privilégio (e ainda tenho) de conviver e aprender com excelentes bibliotecárias, que me inspiraram a ser cada vez melhor.

Vida longa à BC.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: ingressei como bolsista em 2008. E ingressei como servidora pública em 2013.

Setores em que trabalhou: Aquisição e Processamento Técnico.



O grito

Lillian Jordânia Batista Franczak



A tarde iniciou como toda tarde na Biblioteca Central (BC/UFG). Sol a pino, movimento incessante de alunos(as), professores(as) e visitantes que circulavam por todos os andares da BC e ocupavam diferentes espaços: salão de estudos, acervo, térreo, primeiro andar etc. Os(as) servidores(as) cuidavam de suas tarefas diárias em seus postos de trabalho. A bibliotecária Cora, desde que chegara, continuava lá na sua sala. Sentada, concentrada nas suas atividades, quando de repente escutou um alvoroço. Logo em seguida,

um barulho enorme de coisas caindo. O estrondo foi grande e a gritaria em coro, também. Mas, ela nem se incomodou tanto, afinal era recorrente. Não passava de traquinagens dos meliantes mais amados do Câmpus Samambaia, fazendo a vistoria nas lixeiras que ficam do lado de fora, próximas à entrada; e os demais do bando, assaltavam os(as) estudantes que faziam suas refeições na salinha externa preparada para esse fim. Após o acontecido, só as risadinhas ficaram no ar por poucos minutos e o silêncio imperou novamente. Tudo acontecendo normalmente em mais um dia comum, em mais uma tarde.

Meia hora depois... Rompendo o silêncio ensurdecedor, um grito tomou conta de todos os andares. Todos(as) aqueles(as) que estavam ali se preocuparam. Dava para ver gente espiando pela janela para ver se era no estacionamento, outros colocando a cabeça para fora das salas para verem se localizavam o acontecido, e muitos no parapeito do 2º andar procurando se era lá embaixo. Nesse momento, a mistura de risos e pânico eram latentes no térreo. Na cabeça da bibliotecária Cora só veio a imagem daquela obra famosa “O grito” do pintor Edvard Munch, de 1893, cuja expressão era apenas angústia e desespero.

Naquela hora, ela desgrudou-se da sua cadeira e saiu da sua sala rumo ao balcão de atendimento ao usuário, que fica logo ali do lado de fora, à direita da sua sala. Ao chegar, se deparou com a bibliotecária Rute e a bibliotecária Clarissa amparando a colega Bella. Dava dó só de ver o desespero da coitada. E sabe o que havia acontecido? Um dos meliantes que atacara mais cedo na entrada da biblioteca havia se desgarrado do bando, dado a volta externa no prédio e ido para o estacionamento. O danadinho subiu na árvore, olhou através da janela, percebeu que o lanche da tarde tinha sido variado e ainda estava em cima da mesa, que por sinal estava bem farta. A mesa fica na sala reservada para uso dos(as) servidores(as).

E não é que o espertinho pensou... pensou... coçou a cabeça e usou sua inteligência? Afinal, se considera universitário. Ele arrombou a janela da sala ao lado, a sala que o colega Ernesto havia deixado vazia, usou sua esperteza, esperou o melhor momento, deu a volta pela porta aberta e entrou sorrateiro. Subiu na mesa, fartou-se e ainda encheu os braços com um pacote de biscoitos veganos. Isso mesmo, depois de comer tudo, escolheu a iguaria que era novidade. Foi quando ele percebeu que uma vítima vinha em direção à sala, agarrou o seu pacote de biscoitos veganos, e escondeu-se embaixo da mesa.

Bella, toda sorridente, entra na sala e procura algo em seu armário, quando a esperteza em forma de macaco trata logo de aproveitar a porta aberta e sair em retirada. Ele só não contava que a vítima iria perceber um vulto passando por trás das suas costas e soltar “o grito”. “O grito” foi tão alto que ela mesma nunca tinha ouvido um igual. Bella assustou até mesmo o meliante, que saiu correndo pelo mesmo caminho que fizera na ida. A sorte foi que, mesmo com o susto, ele não desgrudou do pacote de biscoitos, senão a missão do dia tinha falhado.

A coitada da Bella chegou a pensar que tinha visto algum fantasma, daqueles que mora na BC, mas a bibliotecária Rute tinha conseguido virar sua cadeira e ver o danadinho pulando de volta no galho da árvore. A sorte é que o coração da Bella estava bom. Se a vítima não tivesse com os exames cardiológicos em dias, seria infarto fulminante e, com certeza, seria mais uma alminha para assombrar as noites na BC.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: início de 2018

Setores em que trabalhou: Assessoria de Comunicação, Gerência de Desenvolvimento de Coleções e Tratamento da Informação e Laboratório de Acessibilidade Informacional (LAI) - Coordenação





O bendito silêncio da Biblioteca Central

Michelle Flores

Na Biblioteca Central temos ambientes de estudo em grupo e individual, como opções para o usuário, no momento de escolher onde quer estudar, e também para evitarmos o constrangimento de solicitar silêncio para aqueles que não entenderam a dinâmica dos espaços.

Certo dia, no ano de 2015, o silêncio prevalecia na Biblioteca. Mesmo durante a correria do semestre letivo, a BC estava com movimento tranquilo, não havia muito barulho.

Ainda não existia o Cantinho Relax, no 2º andar, com os pufes para o merecido descanso dos alunos que ficam no Câmpus 2, porém, encontrávamos vez ou outra, pessoas debruçadas nas mesas tirando um cochilo.

Neste dia, um certo aluno, que aqui vamos chamar de José, não se contentou em dormir debruçado nas mesas, talvez, pelo desconforto ou por não conseguir relaxar conforme seu corpo merecia. José, então, começou a procurar algum lugar para fazer isso, verificando minuciosamente cada espaço da BC. Nessa andança, encontrou aberta, no 1º andar, uma sala para reuniões, que ficava sempre trancada, pois era utilizada somente para reuniões de conselho técnico, de equipes, reuniões administrativas, dentre outras. Os olhos de José brilharam quando ele percebeu que a sala estava destrancada e vazia, vendo naquele ambiente um excelente local para descansar antes de voltar aos estudos.

José, mais que depressa, adentrou à sala, trancou-a por dentro, ligou o ar-condicionado (eletrônico que existe em apenas algumas salas, pois a BC não é climatizada) e se aconchegou no chão daquele fresco e silencioso espaço de reuniões.

Não passava das 17h quando José entrou naquele ambiente. Sua intenção era apenas dar uma relaxada para, em seguida, continuar os estudos até as 20h. Depois, disso, pegaria o ônibus e voltaria para sua casa, porém algo saiu do seu controle. O espaço estava tão tranquilo que José acordou à 1h10 da madrugada, sob um silêncio ensurdecedor.

Assustado, no primeiro momento ele não conseguiu identificar onde estava, que dia era aquele, qual o horário. No escuro absoluto, lembrou que estava na sala de reuniões da Biblioteca, que havia entrado “alguns minutos antes”, até olhar em seu relógio de pulso e perceber que havia passado mais de 7h desde que entrara no local.

Rapidamente, José pegou suas coisas e saiu da sala. Diante do escuro, percebeu que não havia como sair da biblioteca, pois a mesma fechava às 22h. Desesperadamente começou a gritar, chamando por alguém, dizendo que estava ali.

Miguel, segurança do prédio da BC naquela escala, ouviu os gritos de pedido de socorro e começou a procurar de onde vinham, percebeu, então, que o chamado vinha de dentro da Biblioteca.

Miguel também ficou assustado pois, ao fechar a Biblioteca, a equipe de segurança costuma verificar todos os espaços e, naquele dia, não havia pessoa alguma dentro da BC. Por este motivo, e pela fama que a Biblioteca tem, de ser um espaço para acontecimentos sobrenaturais, Miguel se amedrontou ao pensar que poderia ser alguém “de outro plano”.

Mesmo assim, o valente segurança colocou em prática tudo aquilo que lhe fora passado nos treinamentos e, corajosamente, adentrou à Biblioteca com sua lanterna, dando de topo com José. Ambos gritaram, porém, após o susto, tudo foi resolvido e José foi para sua casa a pé, pois não havia mais ônibus naquele horário.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: 01/05/2013 (ingresso)

Setores em que trabalhou: Coordenação do atendimento noturno; Setor Referência; Gerência de atendimento; Gerência Administrativa; Vice-Direção.





Um atendimento pra lá de especial

Michelle Flores

Uma biblioteca é considerada por muitos um “templo sagrado”, um espaço para “viajar sem sair do lugar”, um local de descontração e de encontros, sejam eles amorosos, fraternos ou desafetos. Na biblioteca acontecem os mais diferentes eventos, por se tratar de um ambiente de grande circulação de pessoas, com variadas conexões, vibrações e energias.

A maioria dos que circulam pelos ambientes de uma biblioteca é composta por pessoas vivas, porém, alguns acontecimentos nos provam que ali também circulam seres que já não pertencem a este plano. A história que vou contar é um desses fenômenos que não conseguimos explicar, mas que aconteceu dentro da Biblioteca Central da UFG (BC).

Em meados de 2016, eu estava como Gerente de Atendimento e, na Seção de Coleções Especiais, havia sido desativado o atendimento direto ao público. Essa seção ficava no 1º andar e reunia as teses e dissertações, coleção goiana, CDs/DVDs, dentre outros materiais que ficavam em acervo fechado, onde o usuário não tinha acesso. Para emprestar algum material da seção, o usuário solicitava aos atendentes do acervo geral no térreo. O servidor pegava a chave no porta-chaves, ao lado do balcão de atendimento do térreo, e ia até lá. Somente o servidor entrava, pegava o material, fechava a porta e descia ao térreo para finalizar o atendimento ao usuário.

Era uma quarta-feira e a BC estava muito movimentada. A rotina de trabalho transcorria normalmente, quando um usuário chegou ao balcão do andar térreo com uma dissertação em mãos, solicitando o empréstimo do exemplar.

Moisés,¹ um dos atendentes, verificou no sistema Sophia que a dissertação estava disponível para empréstimo, procedimento necessário, pois somente as dissertações ou teses que possuem mais de um exemplar são disponibilizadas para essa finalidade.

Moisés olhou para seu colega Francisco e perguntou:

- Francisco, foi você quem pegou essa dissertação para o aluno?

- Eu não, Moisés, não sei daqui ainda. Hoje está muito movimentado o empréstimo, nem no banheiro eu fui ainda.

Moisés, curioso com a situação, perguntou ao usuário:

- Quem pegou esse material para você?

- Foi o rapaz que fica lá em cima.

Moisés olhou para o quadro de chaves e viu que ele estava fechado. Levantou-se, procurou a chave da seção de coleções especiais e começou achar tudo aquilo muito estranho, pois a mesma estava lá.

¹ Moisés e Francisco são nomes fictícios dados aos servidores da BC, porém a história é real e por mim presenciada. Foi a partir dessa história que surgiu a ideia de reunir as diversas histórias vivenciadas e contadas pelos servidores da BC ao longo dos seus 50 anos, que merecem ser compartilhadas com todos.

Apreensivo, Moisés estava empenhado em resolver a questão. Foi até a gerente de atendimento e indagou:

- Michelle, quem está lá na Coleção Especial? Tem algum bolsista? Colocaram um servidor lá novamente?

- Moisés, que eu saiba, não tem ninguém. Somos apenas nós do atendimento que vamos até lá pegar o material, disse a gerente.

- Então precisamos ver o que está acontecendo, afirmou o funcionário.

Moisés explicou o ocorrido à gerente que, apesar de ter ficado cismada, solicitou que o usuário fosse atendido e liberado para, depois, fazerem a averiguação dos fatos.

A gerente, apesar da pose, não era tão corajosa assim e, é lógico, não quis ir sozinha ao local, chamando Moisés para acompanhá-la. Pegaram a chave da seção e subiram para o primeiro andar. Ao chegarem lá, tiveram uma grande surpresa! Não havia ninguém na seção e nem indícios de alguém ter passado por lá. Apavorados com a situação, sentiram um arrepio instantâneo e simultâneo, não pensaram duas vezes: fecharam a porta e saíram correndo dali.

Apesar da experiência surreal, ambos estavam aliviados, pois independentemente de quem pegou o material para o aluno, foi realizado um ótimo atendimento, demonstrando que “o sujeito” era bem treinado e conhecia muito bem os códigos de classificação CDU utilizados na lombada dos materiais. Naquela movimentada tarde de quarta-feira, o misterioso ser ajudou a BC a continuar prestando ótimos serviços e deixou o usuário bastante satisfeito com o atendimento.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: 01/05/2013 (ingresso)

Setores em que trabalhou: Coordenação do atendimento noturno; Setor Referência; Gerência de atendimento; Gerência Administrativa; Vice-Direção.





Os 30 anos de dona Magda¹

Rose Mendes da Silva

Dona Magda* trabalhava na universidade havia quase 30 anos. E há um bom tempo estava na Biblioteca Central. Acreditava que no próximo mês já poderia entrar com o pedido de aposentadoria. Não estava muito feliz com a aposentadoria, mas sentia que andava muito cansada. O corpo e a mente pediam descanso. O que lhe consolava era ter consigo a certeza de que nestes anos todos cumprira o seu

¹ História contada a mim pelo falecido Lindolfo, que trabalhou no Setor de Empréstimos da BC desde quando a Biblioteca funcionava nas dependências da Faculdade de Direito, e adorava pregar peças nos colegas.

dever de servidora pública e fizera o serviço da melhor maneira possível. Era hora mesmo de sair de cena.

Naquele dia foi trabalhar no horário de sempre, pra fazer o serviço de sempre, relacionar-se com os colegas de sempre. Mas, chegando lá, que sempre que nada! Os colegas eram outros, os móveis todos estavam mudados e até os livros tinham cara nova. Chegou no seu cantinho de sempre e, cadê as gavetas que todos os dias usava para guardar as fichas dos livros? Cadê os armários que formavam o catálogo?

Entrou em pânico, não sabia o que fazer sem suas gavetas e sem seu catálogo com milhares de fichas, fruto de anos e anos de trabalho... Nem sua companheira de serviço estava por ali... Procurou a chefia da Biblioteca. Dona Maricota* estava lá a mais tempo que ela e sabia a história daquela Biblioteca de cor e salteado. Logo, saberia do que se tratava. Mas, cadê Dona Maricota?

Os novos colegas de serviço olhavam Dona Magda como se fosse um museu ambulante e nada diziam. E ela, cada vez mais se sentindo diminuída e sem rumo. Até que apareceu Seu Lindolfo, que também era do seu tempo e deveria saber o que estava acontecendo.

- Seu Lindolfo, cadê o catálogo com as fichas dos livros? Quem o tirou do lugar? E cadê minhas gavetas? Como é que eu vou trabalhar sem elas? E pra onde foi a Dona Maricota? Ou melhor, pra onde foi todo mundo que não reconheço ninguém que tá aqui?

Lindolfo, maroto que só ele mesmo, ficou bem sério e disse assim:

- Olha Dona Magda, foi todo mundo demitido pelo governo por decreto. A senhora pode olhar no Diário Oficial que o nome de todo mundo tá lá, inclusive o seu e o meu.

- Mas o que é isso Seu Lindolfo? É uma piada? A gente é concursado, não pode ser demitido assim não.

- Pois é, mas fomos. Eu só vim aqui buscar umas coisas que deixei no armário. E tem mais, colocaram funcionários novos, dizem que a gente já está muito velho. Trocaram também os móveis, puseram computador em tudo e acabaram com aquele velho catálogo de fichas. Agora é tudo informatizado.

Aí dona Magda não aguentou, desatou a chorar. Nunca pusera a mão num computador, não tinha jeito mesmo de trabalhar mais ali, mas ser demitida assim, sem nenhuma

consideração, depois de tantos anos de serviços prestados com a maior seriedade, era de se desesperar mesmo. Seu Lindolfo, que fazia parte de uma armação pra curtir com a cara de Dona Magda, vendo seu desespero, pediu que ela fosse à cozinha tomar um copo d'água para se acalmar.

Dona Magda era muito sistemática e fazia tudo sempre igual todos os dias. Os outros colegas, principalmente Seu Lindolfo, juravam que um dia pregariam uma peça nela. Chegara a hora. Os equipamentos que haviam sido solicitados há algum tempo chegaram na tarde do dia anterior. E também os funcionários recém-concursados tinham se apresentado.

Na ânsia de se acalmar para pensar no que fazer, Dona Magda foi até a cozinha. Ao abrir a geladeira, qual espanto! Suas gavetas estavam lá, com as fichas e tudo mais. Olhou pela janela e viu o armário do catálogo tombado lá fora. Quando pensou em abrir a porta para ir até lá e ver o que estava acontecendo, foi surpreendida por todos os colegas da Biblioteca, que carregavam um enorme bolo com seu nome escrito em letras garrafais.

Ela se esquecera que naquele dia estava fazendo 30 anos de serviço público. O trote era só uma forma de comemorar. Bem a cara dos colegas mesmo.

*nomes fictícios.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso na BC: abril de 1999

Setores em que trabalhou: Assessoria de Comunicação e Gerência de Atendimento





A conferência

Rose Mendes da Silva

A UFG tem uma Fundação chamada Funape, por meio da qual é possível comprar algumas coisas, incluindo material informacional.

Certo dia, chegaram alguns livros comprados via Funape e o entregador foi à Biblioteca Central fazer a entrega. Era a primeira vez que ele entregaria livros ali.

Quando chega à Biblioteca material oriundo de processo de compra, é de praxe conferir o título, a edição e o ano

da obra com o que está descrito na nota fiscal. Na hora da conferência da nota, minha colega que estava recebendo o material – que vou chamar aqui de Elza* – separou os livros em dois montes e pediu ao entregador para ajudá-la a conferir, de modo a agilizar o processo, pois ela precisava assinar, indicando que recebeu tudo corretamente.

Elza lia um título, eles olhavam se estava no monte de um ou de outro e quem localizava a obra dava o “ok” na nota. Ela falava: “A moreninha”, ele dizia: “Tá comigo”. E vice-versa.

Assim chegaram naquele título. Ela disse: “O pau”. E, na sequência, já informou: “O pau não tá comigo”. Na inocência, nem se tocou sobre o título, tampouco reparou a capa da obra.

Silêncio.

De repente, do nada, o rapaz olhou pela janela – que dá para uma vista muito bonita da cidade – e disse: “Nossa, vocês têm uma bela visão da cidade aqui hein! Assim é bom de trabalhar!”.

E nada de dizer se o livro estava no monte dele ou não.

Elza não notou nada de estranho, nem aquele silêncio no ar por parte do rapaz. Também não estranhou o comen-

tário que ele fez. E repetiu o título da obra que estava procurando, dando sequência ao trabalho de conferência: “O pau tá aí com você?”.

Com a cabeça na nota, esperando ele responder, continuou sem perceber que havia algo de errado.

Até que Elza decidiu olhar pro monte de livros que estava com ele, e viu que o título que ela procurava estava lá. O entregador não teve coragem de dizer “O pau tá comigo!”.

Sem graça e olhando pra paisagem, o entregador discretamente empurrou o livro para Elza ver que estava com ele, e continuou mudo. Elza, ao perceber que o livro estava com o rapaz o tempo todo, falou alto: “O pau estava com você o tempo todo e você não me falou nada!”. E ainda exclamou: “Gente, mas é o pau mesmo!”. Só aí que sua ficha caiu de vez...

Depois que o entregador foi embora, a colega do lado perguntou: “Elza, qual é o nome do livro mesmo? É o pau?”. E elas caíram na risada.

O entregador? Foi embora sem tocar no assunto.

* nome fictício.

** O Pau é de autoria de Fernanda Young e foi publicado em 2009 pela editora Rocco. O Sibi/UFG tem um exemplar na Biblioteca Seccional Letras e Linguística (BSLL), com o número de chamada 821.134.3(81)-31 YOU/pau.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso na BC: abril de 1999

Setores em que trabalhou: Assessoria de Comunicação e Gerência de Atendimento





As voltas que a vida dá

Rose Mendes da Silva

Assim como a Terra ao redor do sol, a vida dá voltas. E como dá!

Quando adolescente, eu frequentava a Biblioteca Pública Estadual Pio Vargas, na Praça Cívica, em Goiânia. Eu a descobri por acaso. Tínhamos, eu e uma prima, o hábito de “bater pernas” no centro da cidade uma vez por mês, pelo menos. E, numa dessas voltas, encontrei aquele lugar mágico que frequentei mesmo depois de trocar de escola, visto que, na que eu estudava, não tinha nem sala de leitura.

Fiz a carteira de usuária daquela biblioteca no centro da cidade e passei a visitá-la uma vez por semana para trocar os livros – podia levar até três por vez e devolver em até uma semana. A ida à biblioteca era um passeio que demorava cerca de 30 minutos de ônibus para ir, outros 30 para voltar.

Tornei-me rata de biblioteca. Devorava cada livro para, na semana seguinte, poder pegar títulos novos. Acredito que li tudo que tinha de literatura em língua portuguesa. Era o meu paraíso!

No ano seguinte, me mudei para uma escola mais próxima de casa. Lá, minha felicidade foi completa: havia uma biblioteca ao meu dispor. Fui para o Colégio de Aplicação da UFG (atual CEPAE), onde estudei da antiga sétima série até o final do Ensino Médio. Nem preciso dizer que li tudo que tinha ali, sendo literatura ou não. Pensa numa “rata” feliz!!

E, nas voltas que a vida dá, dez anos depois de terminar a escola, fui trabalhar em uma biblioteca, a Biblioteca Central da UFG. Nem de longe pensava que um dia trabalharia em um equipamento cultural tão importante quanto a biblioteca. Muito menos em uma das mais importantes de Goiás.

Já com uma graduação concluída e duas especializações, decidi, anos depois, estudar mais para entender sobre a área e formei-me em Biblioteconomia também. Mais um tempo passou, deixei de lado a primeira profissão, como jornalista, e passei a me dedicar à segunda, a de Bibliotecária. O mundo deu outras voltas e fui parar em sala de aula, também na UFG, ministrando aulas e orientando futuros colegas de profissão.

Seja destino ou coincidência, só sei que me achei neste mundo fascinante que nem a internet consegue substituir.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso na BC: abril de 1999

Setores em que trabalhou: Assessoria de Comunicação e Gerência de Atendimento





Pirâmide de livros

Simone Cristina da Silva Azevedo

Todo final de ano as equipes das bibliotecas se organizam para decorar os espaços com o tema de Natal. Há a cultura de que as bibliotecas devem ser acolhedoras e que o ambiente decorado traz uma sensação de bem-estar para aqueles que adentram os espaços.

Naquele ano não foi diferente. A equipe da Biblioteca Central (BC), empenhada em manter a tradição, e sem recursos para adquirir enfeites natalinos, decidiu montar uma ár-

vore composta apenas por livros que são adquiridos através de doação e, por estarem em mau estado de conservação, são encaminhados para o descarte.

Foram realizadas várias pesquisas para ver como seria o processo de construção de uma árvore de livros. Olhamos fotos e vídeos que orientavam quanto à confecção da árvore e, após essas buscas, nos sentimos aptas a encarar o desafio e fomos ambiciosas, pois o hall térreo da BC é enorme, então, para ter destaque, a nossa árvore de livros teria de ser bem grande.

Nos reunimos — eu, Eunice e Eliane — e contamos com alguns outros integrantes da equipe para a preparação do espaço e separação dos exemplares que seriam utilizados e montagem em si. Depois de tudo preparado, iniciamos o processo de montagem. Fizemos uma base com paletes, porque na limpeza do espaço é utilizada água e não poderia molhar os livros. Depois conseguimos um tecido de TNT verde, para enfatizar o clima festivo, e então começamos a empilhar os livros para dar forma à nossa árvore. Como ela tinha de ser enorme, fizemos uma base com 2 metros de diâmetro.

O processo era lento, pois a Seção de Doações fica no

subsolo, então descíamos com o carrinho, “enchíamos” de livros, voltávamos para o térreo e íamos organizando a árvore. Era muito o tempo que passávamos agachadas ou ajoelhadas para o início dessa montagem. Fomos preenchendo somente as bordas, deixando o recheio oco, pois pensamos que o peso dos livros os manteria na posição que desejávamos.

Mas, como acontece com frequência, a expectativa nem sempre se torna realidade e, volta ou outra, um livro se deslocava e tínhamos de rever o posicionamento. Além disso, os exemplares eram de diferentes tamanhos e alturas, o que dificultava todo o processo.

Após, aproximadamente, uma semana de trabalho, já não aguentávamos mais olhar para a árvore, e ainda faltava muita coisa para concluir. Sem contar que o acervo que tínhamos separado para essa finalidade já estava se esgotando e a árvore não acabava! O senso de responsabilidade não nos permitia recuar da ideia, além do que, ao pensar em voltar com todo aquele acervo para trás, ficávamos ainda mais angustiadas. Então, percebendo que tínhamos chegado em um ponto que recuar não era opção, resolvemos concluir com o que tínhamos. Com isso em mente, a curva

suave que era necessária na hora de empilhar os livros para ficar no formato de árvore, começou a não ficar mais tão suave. Queríamos um jeito de encerrar, então fomos afunilando a gigantesca árvore e por fim, conseguimos alcançar nosso objetivo.

Quando olhamos para o nosso trabalho finalizado, virou um misto de pesar com riso, pois nossa tão suada árvore de Natal se assemelhou muito com uma pirâmide meio desestruturada! Ficou “de uma feiura de dar dó!” Mas, para nossa surpresa, não sei se por pena da trabalhadeira que tinha dado ou por uma questão “de gosto”, alguns elogios ainda surgiram.

Depois dessa feita, tiramos um aprendizado: a ambição nem sempre nos traz bons frutos. Ainda insistimos por mais alguns anos com essa ideia de árvore de livros, pois não nos demos por vencidas, e até conseguimos bons resultados, mas fizemos árvores bem menores que, de fato, se assemelharam com o formato característico das árvores de Natal.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: ingressei em 2012 na BC
Sectores em que trabalhou: Seção de Referência, Assessoria de Comunicação, Gerência Administrativa e Secretaria.





O azarão

Simone Cristina da Silva Azevedo

Iniciei minhas atividades na Biblioteca Central em 2012, na Seção de Referência, que lidava diretamente com o atendimento ao público. Essa Seção era subordinada à Gerência de Atendimento e, dentre as atribuições dos que ali trabalhavam, estava a organização e guarda do acervo de referência. Para a guarda dos demais acervos, contávamos com alguns servidores efetivos e também com bolsistas vinculados à Biblioteca.

O colega Alfredo, trabalhava na Gerência de Atendimento e era um homem alto, apesar de ter nascido de 6 meses e ter sido embalado em uma caixa de sapatos, segundo fazia questão de contar. Era moreno, casado, pai de família, religioso, já era avô também, enfim, ele era um “boa praça”, bom de papo e gostava muito de agradar com pequenos mimos, principalmente seus superiores. Era um estoque de carteiras, leques, guarda-chuvas, chaveiros, dentre outros. Por vezes também nos “brindava” com seu cafezinho e lanches, pois também se dizia chefe de cozinha e decorador, sendo responsável por grandes eventos, segundo relatava.

Na biblioteca, era responsável por coletar todos os livros que estavam sobre as mesas de estudo do térreo, primeiro e segundo andar, bem como fazer o levantamento estatístico desse acervo. Sua jornada de trabalho se iniciava às 13h e encerrava às 19h, mas durante o tempo em que convivemos, raramente o vi cumprir esse horário.

Alfredo se deslocava para o trabalho de ônibus coletivo e, coincidentemente, as histórias mais absurdas aconteciam durante o seu trajeto da Vila Nova para o Câmpus Samambaia. Não raro, o ônibus que estava quebrava, batia em ou-

tro veículo, se atrasava ou simplesmente Alfredo errava o itinerário e ia parar em outro local.

Certa vez, Alfredo chegou mancando, ofegante como sempre e muito bravo, que também era uma característica dele: o senso de justiça muito arraigado e, portanto, demonstrava indignação quando se sentia injustiçado. Nesse dia, ele contou que houve uma grande briga no coletivo em que estava, que uma mulher precisava descer em um ponto e o motorista não parou. Assim, todos que estavam presentes começaram a defendê-la e gerou um grande alvoroço. Por fim, a senhora desceu em seu ponto. As falas exaltadas permaneceram e, como ele tinha um timbre de voz alto, sua voz sobressaía. Ao chegar em seu destino, foi descer do ônibus e o motorista avançou um pouco para frente, fazendo-o desequilibrar e cair, motivo pelo qual estava mancando. Mas o interessante é que não conseguíamos ver nenhuma evidência de queda. Ele estava impecável, sem nenhuma sujeira ou marca que justificasse. Nesse dia é claro que não pôde executar suas tarefas e foi embora logo após sua chegada.

Além dessa desculpa, sempre havia um conhecido ou parente enfermo, ou que infelizmente tinha vindo a óbito.

Consultas em que os atestados nunca apareciam, situações adversas com filhos e esposa, e as ausências se prolongavam, formando-se pilhas enormes de livros sobre as mesas de estudo espalhadas por toda a biblioteca.

Com isso, eu e a outra colega da Referência, para socorrer e manter a biblioteca em ordem, ampliávamos nossas atividades e, não raro, fazíamos o trabalho a ele atribuído.

Contudo, ninguém conseguia ser desafeto do Alfredo! Ele, com seu jeito único de falar, por vezes cochichando, como se o que estivesse contando fosse o maior segredo do universo, com seu andar rápido, de quem está sempre atrasado, mimos baratos e por vezes inúteis, mas que aqueciam o coração e fazia com que nos sentíssemos lembrados, será sempre um amigo, que infelizmente não está mais entre nós, mas que será sempre lembrado por aqueles que com ele conviveram.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: Fevereiro/2012

Setores em que trabalhou: Assessoria de Comunicação, Gerência Administrativa, Seção de Referência e Secretaria da Direção.





Aluna, noiva e grávida faminta: um pouco da minha história na Biblioteca Central

Tatiane Carvalho Silva

Minha história com a Biblioteca Central vai além do tempo de serviços prestados; inicia-se lá em 2007, quando ingressei como aluna da UFG. Desde então, a BC faz parte da minha vida, da minha rotina, sendo meu local diário de estudos durante a faculdade e, posteriormente, meu local de trabalho. Nesses últimos anos, inúmeras histórias poderiam

ser relatadas por aqui. Mas vou me ater a apenas algumas, a primeira delas ainda da época de faculdade.

O ano era 2007 e a jovem estudante de economia estava preocupadíssima com a nota de Cálculo. A turma se “desca-belava” e buscava uma saída para a tão temida disciplina. Às vésperas da prova, um grupo de amigos (incluindo Raoni, hoje meu esposo) se reuniu na Biblioteca Central para estudar, nas mesas de estudo em grupo do segundo andar. Naquela tarde conseguimos estudar, mas, mais do que isso: acabou sendo um momento muito divertido, de descontração (vale dizer que eram dias tensos, de avaliações e preocupações no curso), de palhaçadas e sorrisos. Como foi bom! E o melhor: todos foram aprovados.

A Biblioteca Central também é lugar de romance. Aqui estudei muito, mas também tive conversas importantes, sonhei acordada com meu amor (sem detalhes para deixar os caríssimos leitores na curiosidade), namorei **COMPORTADAMENTE** (por favor, leitores, comportem-se na biblioteca).

Raoni e eu nos conhecemos na universidade, e hoje temos uma linda família. No ano de 2015 nos casamos, e, às vésperas do casamento, estivemos aqui para fazer lindos re-

gistros nessa universidade que, além de ser minha segunda casa, foi o lugar onde nos conhecemos. E a Biblioteca Central, de tão especial e significativa na nossa história e nossa formação, foi escolhida como cenário.

Agora um relato legal sobre este ensaio: a universidade passava por uma greve, e em momento algum me atentei para fazer algum tipo de agendamento para as fotos. Chegamos aqui com a fotógrafa e... não podemos entrar na biblioteca? Isso mesmo, a biblioteca estava fechada. Aquele desespero “de leve” tomou conta do coração da noivinha, mas foi quando a tão querida Michelle (naquele momento a bibliotecária responsável pelo Atendimento na BC), com seu coração gigante e empatia, nos permitiu entrar e fazer as fotos. Como resultado, tivemos registros magníficos, e um profundo sentimento de gratidão e alegria.

Para finalizar, agora um pouco de história como servidora. Em 2016, já há sete anos servidora da UFG, comecei a trabalhar na Biblioteca Central. Aqui conheci pessoas maravilhosas e fiz amigos que levarei por toda a vida. O acervo, local designado para desempenhar minhas atividades, ganhou meu coração. Para mim, foi uma grande mudança, e olhar para aquelas estantes precisando de organização,

aqueles livros precisando de alguém para levantá-los, aqueles carrinhos lotados precisando de alguém para esvaziá-los me fez perceber que esse alguém era eu e, assim, me realizei nesse trabalho. Olhar para o acervo e ver aquela infinidade de conhecimento em forma de livros, tudo em um só lugar, até hoje me encanta.

Bom, muitas histórias foram vividas ali. Teve carta de admirador secreto; algumas fugas do trabalho para ir à lanchonete (de forma a não prejudicar o trabalho! A gente é faminto, mas também é responsável); histórias mal-assombradas; passarinhos que entram no acervo e não conseguem sair, que dó!

Também tive a oportunidade de trabalhar no Laboratório de Acessibilidade Informacional, experiência incrível que me fez crescer como servidora e como pessoa. Uma situação engraçada deste período: o LAI fica ao lado do auditório, e os eventos costumam ter *coffee breaks*. Os alunos/monitores ficavam afoitos para tentar participar do lanche grátis. Eu, grávida, não tinha coragem. Mas, se minha memória não estiver falha, fiz isso uma única vez. Afinal, quem iria recusar um lanchinho para uma grávida? Mas nem consegui saborear a comida, de tanta vergonha.

Compartilho neste relato um pouquinho da minha história neste lugar encantador, de resistência, de conhecimento. A universidade é realmente um universo, ou um conjunto de universos tão distintos. Mas todos eles se encontram na Biblioteca. Parabéns, Biblioteca Central, pelos 50 anos de existência e resistência! Sou feliz por fazer parte dessa história.

DADOS DA AUTORA

Data de ingresso e/ou saída da BC: 22/04/2016

Setores em que trabalhou: Acervo, Laboratório de Acessibilidade Informacional e Gerência Administrativa



Este livro foi composto com as fontes Fira Sans e Dancing Script, disponíveis em **Google Fonts**, e publicado via Cegraf UFG.

Cegraf UFG

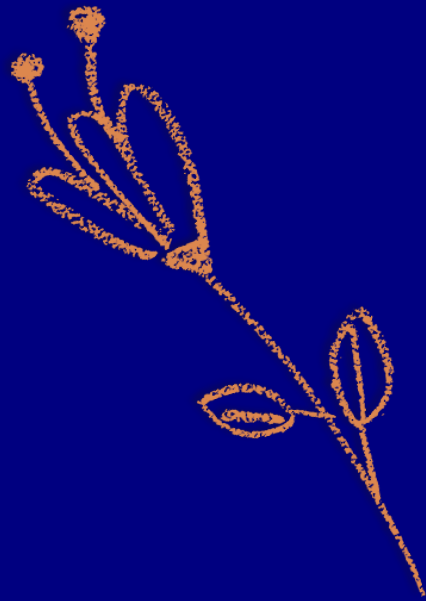
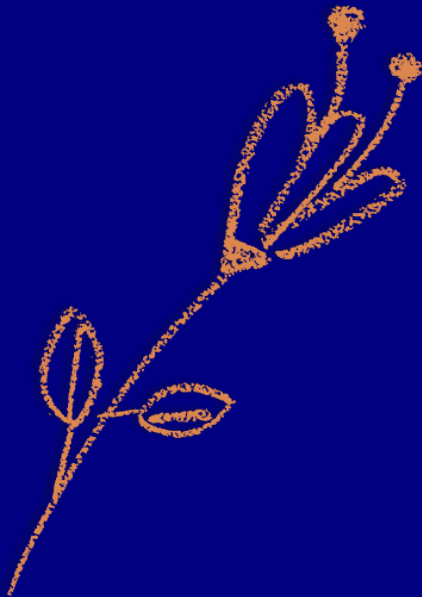
Câmpus Samambaia, Goiânia - Goiás. Brasil

CEP 74690-900

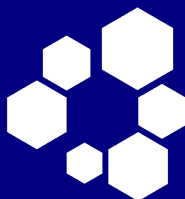
Fone: (62) 3521-1358

<https://cegraf.ufg.br>





SIBI
SISTEMAS DE
BIBLIOTECAS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

